

NOVA REPÚBLICA

Neves, Tancredo.

Aécio: negligência matou Tancredo

ISABELLA SOUTO
DO ESTADO DE MINAS

Vinte anos depois da eleição de Tancredo Neves para a presidência da República, marco da redemocratização do país e do fim do ciclo de governos militares iniciado em 1964, o governador de Minas Gerais, Aécio Neves (PSDB), diz que a negligência dos médicos contribuiu para a morte do avô. “Os médicos não estavam acompanhando de forma adequada o estado de saúde de Tancredo”, disse Aécio ao *Estado de Minas*. A histórica vitória de Tancredo no Colégio Eleitoral sobre Paulo Maluf, por 480 votos a 180, completa 20 anos amanhã.

Como assessor de Tancredo, no final de 1984 e início de 1985, Aécio Neves acompanhou de perto as articulações políticas que levaram à eleição do avô e à formação do primeiro governo civil. Depois da vitória no Colégio Eleitoral, acompanhou Tancredo numa viagem internacional pela Europa e Estados Unidos. “Ele fez essa viagem com saúde plena. Ele começou a sentir algumas dores talvez uns quinze dias antes da posse, foi medicado e os médicos acompanhavam a evolução do estado de saúde dele”, recorda o governador.

Segundo Aécio, “nunca houve uma imposição dos médicos dizendo que a situação era grave, inclusive para nós familiares” — ao justificar porque avalia ter havido acompanhamento inadequado do estado de saúde de Tancredo. “Ele dizia que sua grande preocupação era fazer a transição, assumir para que não houvesse qualquer risco para fazer a transição democrática e se colocava à disposição dos médicos para a intervenção que fosse necessária após a posse.”

De acordo com Aécio, outro indício de que os médicos não estavam atentos aos problemas de saúde de Tancredo se deu na véspera da posse do presidente eleito, durante a missa na Igreja Dom Bosco, quando ele sentiu fortes dores abdominais e foi internado às pressas no Hospital de Base, em Brasília. “No momento em que o Tancredo passou mal, eu tive uma dificuldade enorme em localizar os médicos que o estavam acompanhando. Eles estavam em recepções festivas, foi mais de uma hora para localizá-los. O que demonstra que eles estavam tranquilos em relação ao estado de saúde do Tancredo”, lembra Aécio.

Lembrança

Aécio diz que retoma agora o assunto sem intenção de reabrir a celeuma. Na época, ele já levantara a hipótese de negligência médica no tratamento do avô. O governador guarda como lembrança a cópia dos atos de nomeação do ministério assinados por Tancredo na câmara do Hospital de Base, com as mãos trêmulas. O presidente eleito fez questão de assiná-los porque avaliou que seria um ato formal importante para garantir a transição do regime militar para o civil.

“O Tancredo tinha uma grande dúvida sobre se qualquer problema que ocorresse com ele, se Figueiredo passaria a faixa para o Sarney. Ele me disse que trouxesse os atos para a assinatura formal do ministério porque seria um elemento forte para garantir que a transição ocorreria, já que não sabia o que aconteceria com ele nas próximas horas”, lembra Aécio.

“Tancredo achava que numa eventualidade da sua ausência, ajudaria que o processo democrático se desse conforme previsto”, acrescenta o governador, ao rememorar os contatos do presidente eleito com setores democráticos das Forças Armadas. Nesses encontros, Tancredo se mantinha informado sobre os movimentos dos militares da linha dura, que chegaram a cogitar a hipótese de um golpe para tentar impedir a restauração do regime civil.